

A ÚLTIMA FUGA: suicídio de escravos no Rio de Janeiro (1870-1888)

Renato Pinto VENANCIO*

"O Suicídio é uma forma de resistência (escrava) a cultura do branco, e é a forma mais apreciada pelos fracos; foge-se ao contato do opressor refugiando-se na morte." (Roger Bastide)

De uma maneira geral a historiografia brasileira tem visto no suicídio um recurso, paralelamente as fugas aos quilombos e a criminalidade, utilizado contra a opressão e desumanidade do sistema escravista.

Talvez nenhum outro tema tenha unido interpretes de origens tão distintas no reconhecimento da trágica situação que o cativo impunha a milhares de homens e mulheres de origem africana.

Gilberto Freyre, por exemplo, conhecido por sua visão benevolente do tratamento dispensado pelos senhores em relação aos escravos, reconheceu na última página de Casa Grande e Senzala que não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando, envenenando-se com ervas e postagens dos mandingueiros. 1

Palavras não muito distintas destas lemos em Alípio Goulart, autor sabidamente contrário as interpretações de G. Freyre e que sempre procurou realçar a desumanidade intrínseca da sociedade escravista.

Afirma A. Goulart:

“O suicídio foi o mais trágico recurso de que se valeu o negro escravo, para fugir aos rigores do regime que o oprimia - excesso de trabalho, maus tratos, humilhações, e, em muitos casos, para eliminar juntamente com a própria vida, o banzo, isto é, aquela irreprimível saudade da pátria distante, para sempre fisicamente perdida à qual só tornaria a voltar graças ao processo de ressurreição, como acreditava...”²

Embora essas colocações sejam aceitas e constantemente reafirmadas pela historiografia, permanece uma grande lacuna em relação a trabalhos empíricos sobre o suicídio de escravos. 3

* Professor do Departamento de História (UFOP) Pesquisador do CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (USP)
LPH / Revista de História, 1:80-9.1990

Neste estudo procuramos nos basear em fontes quantitativas, relegando para segundo plano as impressões e depoimentos de viajantes⁴ e buscamos avaliar criticamente o impacto do declínio da escravidão no índice geral de suicídios da população carioca. Desde já, porém, gostaríamos de chamar atenção para o caráter provisório dessa avaliação dado a ausência de pesquisas sobre o tema e devido às restritas dimensões espaciais e temporais que esta análise abrange: a cidade do Rio de Janeiro no período de desestruturação do sistema escravista.

Fontes para o estudo do suicídio de escravos

As fontes para o estudo do suicídio no Rio de Janeiro no século XIX caracterizam-se pela fragmentação e descontinuidade. Em nosso levantamento, que está longe de ser exaustivo, investigamos tipos variados de registros: atas de óbitos, periódicos, teses de medicina e estudos de direito.

Os registros paroquiais são, sem dúvida, o testemunho mais falho em relação ao suicídio e à própria mortalidade dos escravos. O Rio de Janeiro do período estudado era composto por dezoito paróquias, dez urbanas e oito rurais. Desse conjunto, levantamos os livros das paróquias urbanas de Candelária e São José e os das paróquias rurais de Campo Grande e Jacarepaguá. Os resultados encontrados são decepcionantes: inexistem informações sobre suicídios nas atas de óbitos e, a partir de 1851, com a criação dos cemitérios públicos, nos registros de óbitos, principalmente nos das paróquias urbanas, há uma demonstrada queda de qualidade, o que inviabiliza até mesmo o cálculo de taxas brutas de mortalidade.⁶

As notícias de suicídio através da imprensa também não apresentam dados para estudo. A análise do *Jornal do Comércio* nos anos de 1871 e 1872 mostrou que a morte voluntária só era noticiada quando apresentava um caráter excepcional. Mais que registrar o cotidiano dos suicídios, a imprensa carioca voltava-se para o perfil espetacular das mortes voluntárias: duquesas francesas que se lançavam em rios ou pulavam de torres tinham muito mais espaço no noticiário que as anônimas mortes de escravos.⁷

Os discursos e teses de médicos são referências obrigatórias a todos aqueles interessados no estudo do suicídio no Rio de Janeiro do século XIX. Esse material, porém, da mesma forma que os jornais, é um registro fundamental para o estudo das mentalidades da elite carioca, mas carece de dados empíricos. Nesses trabalhos só são retratados os suicídios das minorias cultas da sociedade carioca, como fica claro no texto do médico Nicolau Moreira que, em 1867, defendeu um curioso ponto de vista para explicar o crescimento do número de mortes voluntárias no Brasil e no Mundo:

“Juntai agora ao eu humano ensoberbecido por suas conquistas materiais o poderoso auxílio dos licenciosos dramas de escola moderna e dessa leviana literatura romântica, em cujas páginas Rousseau, Goethe, Chateaubriand, Lamartine e outros proclamam o enojo da vida... e compreenderéis facilmente como os membros das sociedades modernas (...) se deixam apoderar pelo desespero e

almejam a morte, como um termo fatal e consolador de todos os sofrimentos que os oprimem.”⁸

Idéias como essas são defendidas em outros trabalhos de médicos, ⁹ o que mostra ex-tremo elitismo e falta de rigor científico nas teses médico-filosóficas do século passado.¹⁰

Quadro bem diferente é encontrado nas dissertações de direito. Isso ocorria em função de pelo menos dois fatores. Por um lado, os juristas sempre tiveram interesse em estudar o suicídio, pois tal ato envolvia a delicada questão de transmissão de bens, por outro, em algumas áreas dos cursos de direito, como na de criminologia, houve durante o final do século XIX uma enorme penetração do ideário positivista, o que certamente aumentava nesses setores a preocupação com estudos empíricos. Esse foi, sem dúvida, o caso da pesquisa de Francisco Jose Viveiros de Castro, professor de Direito Criminal, que levantou cuidadosamente o número de suicídios cariocas ocorridos entre 1870 e 1890, para depois então procurar explicar o fenômeno.

Viveiros de Castro inicia a pesquisa definindo os pressupostos teóricos da análise do suicídio, chamando a atenção para a seguinte questão:

a proporção que a civilização se propaga e se acentua, quatro cousas aumentam e desenvolvem-se com ela: 1° o numero de alienados; 2° o número de crimes; 3° o consumo de álcool; 4° o número de suicídios.¹¹

A morte voluntária sob esse ponto de vista, não e resultado da nefasta influência da Literatura romântica, como lemos nas teses médico-filosóficas, mas sim fruto do incremento da "anomia" das sociedades modernas. Dando prosseguimento a apresentação de seus pressupostos, o ilustre professor afirma: "a raça branca (...) é a que dá ao suicídio o contingente mais considerável" e "do ponto de vista da religiosidade observa-se que os católicos dão mais forte contingente para o homicídio e os protestantes para o suicídio".¹²

Por mais questionáveis que sejam essas colocações, elas revelam uma preocupação sociológica na interpretação do suicídio, perspectiva rara entre os acadêmicos do Rio oitocentista.

Desta forma, Viveiros de Castro efetua um levantamento minucioso dos suicídios cariocas, fazendo questão de indicar a fonte por ele utilizada: "somente os relatórios dos chefes de policia aos ministros da justiça referem os suicídios ocorridos em cada ano".¹³ A conclusão de Viveiros de Castro é a de que os dados fornecidos pelos relatórios são bastante grosseiros, o que impossibilitava análises finas, mas mesmo assim foi possível constatar que "o suicídio não é ainda um flagelo na nossa sociedade".

No tópico abaixo vamos questionar essa afirmação, chamando atenção para o fato de ela ser de 1894, época em que o sistema escravista já não existia mais.

O Suicídio de escravos

Os índices de mortes voluntárias de escravos, como todas as percentagens demográficas, significam pouca coisa quando apresentados isoladamente sem uma perspectiva comparativa. Na Tabela I, vemos que o índice de suicídios no Rio de Janeiro variava de maneira drástica no interior do conjunto da população. O índice de suicídio de escravos era, em termos relativos, quase

que o dobro do percentual encontrado entre os livres. Uma comparação mais ampla mostra que esses dois índices não estavam muito distantes das taxas européias. 14 Mesmo sendo uma tabela imperfeita, por comparar níveis regionais com nacionais, podemos afirmar a partir dela que o percentual de mortes voluntárias no Rio de Janeiro não era radicalmente diferente do existente em países europeus.

Tais índices, porém não eram fixos, apresentando um enorme dinamismo. No Gráfico I indicamos as mudanças no número de suicídios cariocas ao longo do tempo. Como podemos observar, a realidade apontada na Tabela I sofreu uma mudança radical no decorrer de um curto espaço de tempo. O suicídio de escravos foi diminuindo ao longo do período de 1870 a 1888, ao mesmo tempo em que o número de suicídios de pessoas livres aumentou numa impressionante correlação com o crescimento do custo de vida.

Esse Gráfico sugere que as dificuldades econômicas e o suicídio eram fenômenos correlatos para a população livre, não por uma ligação simplista e mecânica entre miséria e suicídio, mas, como bem observou Viveiros de Castro, pelos problemas subjetivos e objetivos que acompanhavam a penúria: lares desfeitos, álcool consumido até o estágio psicótico, sofrimentos e apreensões de toda ordem.

A análise dos dados mostrou que a propensão ao suicídio entre os cativos era algo sujeito a grandes variações no período de desestruturação do sistema escravista.⁵ O Gráfico II reforça essa idéia, mostrando que os escravos não ficavam inertes perante a perspectiva de libertação. O movimento de alforrias e as ocorrências de suicídios apresentavam um comportamento antagônico. A percepção do fim do cativo tinha como podemos perceber através do Gráfico II, uma influência marcante sobre a atitude dos escravos perante a vida e a morte.

A análise da justificação do suicídio, apesar de falseada pelos depoimentos e interpretações de senhores e delegados, revela mais uma vez a intervenção do escravo diante de situações que lhe eram impostas. Na Tabela II, enumeramos as causas do suicídio e das tentativas de se matar entre os escravos cariocas. Por razões óbvias, a causa do suicídio era constantemente ocultada, mas mesmo assim os números mostram que de 25 a 35% dos senhores e delegados reconheciam nos suicídios um paliativo contra os maus tratos e castigos. Ao invés de alegar o "banzo" que tanto impressionava os viajantes, a elite escravocrata via na violência a principal causa de suicídios de escravos.

A Tabela II revela também um aspecto inédito do mundo dos escravos: em média 10 a 12% dos suicídios e tentativas de suicídios entre os cativos eram causados pelo temor a venda. Nesse ponto, é bom lembrar que a venda para outro senhor era, por vezes, utilizado como uma forma de castigo. A mudança de proprietário, além de desestruturar as relações de convívio do escravo, podia significar sua transferência do meio urbano - área em que os cativos, não raramente, conseguiam pequenos ganhos em serviços extras e gozavam de maior independência de movimentação - para as regiões de plantation, onde deveriam ficar submetidos a uma dura faina diária, trabalhando de sol a sol, sob o olhar exigente do feitor.¹⁶

Em uma perspectiva global, o número de suicídios no conjunto da população carioca entre 1871-1872 foi de 61 casos. Nos anos de 1888 e 1890 esse número caiu para 56 ocorrências.

Diminuição ainda mais expressiva quando lembramos que durante o citado período, a população da cidade do Rio de Janeiro praticamente dobrou, crescendo de 274.972 indivíduos em 1872 para 522.651 pessoas em 1890.¹⁷

Nossa análise confirma dessa maneira que com o fim da escravidão houve uma diminuição nos níveis globais de suicídios no conjunto da população carioca.

Por fim, gostaríamos de chamar a atenção para algumas lacunas presentes em nosso estudo: Qual era a proporção de suicídios por sexo entre escravos? ; Quais eram os meios por eles utilizados? ; Quais eram as relações entre etnia e suicídio?

Mesmo sem dispor de dados para responder a essas questões, cremos ter indicado novos caminhos para a pesquisa de um importante aspecto de escravidão. Talvez um dia possamos reconstituir o drama pessoal que levava os cativos individualmente a última fuga, gesto que adquire dimensões ainda mais dramáticas quando lembramos as palavras de Câmara Cascudo em relação à morte não sacramentada na cultura popular do Brasil de outrora: "O Inferno era o destino daqueles que não sabiam morrer".¹⁸

Notas

1. GOULART FREYRE, G. Casa Grande e Senzala. 18 ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972, p. 464.
2. , J. A. Da Fuga ao Suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC/Conquista, 1972, p. 123. Ver também: LIMA, L. L. G. Rebeldia Negra e Abolicionismo. Rio de Janeiro: ACHIAME, 1981, p. 39. Paia uma interpretação psicanalista do suicídio de escravos, ver: ETZEL, E. Escravidão Negra e Branca: o passado através do presente. São Paulo: Global, 1976, p. 133-142. O banzo associado ao suicídio também foi interpretado a luz da psiquiatria como um comportamento patológico ligado a demência e a esquizofrenia, ver: SATTAMINI-DUARTE, D. "Contribuição ao estudo clínico-histórico do banzo". In: Revista Fluminense de Medicina. 1951, p. 1-28.
3. Nos 994 Títulos que Robert Conrad levantou no seu Brazilian Slavery: an annotated research bibliography, Boston, Library of Congress, 1977, não há referencias a monografias específicas sobre o suicídio de escravos.
4. Um resumo dos relatos de viajantes sobre o suicídio de escravos se encontra em: BASTIDE, R. As Religiões Africanas no Brasil. 1º vol., São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1971, p. 118-120.
5. A relação entre suicídio e Igreja Católica é muito curiosa, Como bem percebeu o filósofo ingles David Hume em seu Essay on Suicide publicado pela primeira vez em 1789 (utilizei a versão francesa: "Du Suicide" in: L'Histoire Naturelle de la Religion. Paris: Libr. Philosophique, 1971, p. 115-125), nem o Velho nem a Novo Testamento proibem explicita-mente o suicídio: os suicídios de Sansão e do Rei Saul, por exemplo, não só condenados no texto bíblico. A conde-nação e sua equiparação ao assassino só aconteceu em 452 D.C., no Concilio de Arles. Durante a Idade Media, época em que vários movimentos religiosos, como o dos cátaros ou o dos albigenses propuseram o suicídio coletivo, a Igreja passou a equiparar o suicida ao herege, proibindo terminantemente que tais pessoas fossem enterradas em cemitérios. Ao invés disso, deviam ser abandonadas nos campos e caminhos, sem mortalha ou registro cristão, em da-nação eterna, ver: SCHIMMITT, J. Cl. "Le suicide au moyen Age". In: Aimaes Ec. Soc. Gv., 1976, p. 01-25.
6. Em função das constantes epidemias que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro, o governo imperial proibiu OS enterros em cemitérios das irmandades com sede no meio urbano. A partir de 1851 todos os enterros deveriam ser feitos nos cemitérios públicos de São Francisco Xavier e São João Batista da Lagoa. Esses campos santos estavam sujeitos a admi-

nistração da Santa Casa de Misericórdia, que fazia um "guia de óbito", ou seja, um registro sumário do indivíduo que faleceu. Com o passar do tempo os guias de óbitos passaram a substituir as atas paroquiais de óbitos,

7. Essa pesquisa merece ser ampliada, pois é possível que com o crescimento do movimento abolicionista os suicídios de escravos tenham ganhado notoriedade.

8. MOREIRA, N. J. Considerações Gerais sobre o Suicídio. Rio de Janeiro: Progresso, 1867, p. 6.

9. Como por exemplo: TORRES, B. J. R. Dissertação médico-philosófica sobre as causas e sede do suicídio. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1843 ou então: ARAUJO, P. A. N. Suicídio, tese sustentada no Gynnasio Academico. Rio de Janeiro: Typ.de Fernando Ribeiro, 1883.

10. Esses trabalhos defendem os mesmos pontos de vista da literatura. Na história "A Mão e a Luva" (1874), Machado de Assis aborda a questão do suicídio por amor, sugerindo que os romances podiam induzir a tal pratica: "mas que pretende fazer agora? -Morrer(...)

0 rapaz acertara de abrir uma pagina de Werther: leu meia dúzia de linhas, e o acesso voltou mais forte que nunca".

MACHADO DE ASSIS. A Mão e a Luva. São Paulo: Ática, 1980. p. 1 a 3.

11. CASTRO, F. J. V. O Suicídio na capital federal, estatística de 1870 a 1890. Rio de Janeiro: Imp. National, 1894 p. 4.

12. Idem, p. 7.

13. Idem, p. 8. Esses relatórios se encontram microfilmados na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, sendo fonte valiosa para o estudo da criminalidade e mortalidade da população livre e escrava.

14. Os índices citados nessa tabela são bastante relativos. Basta indicar que em Paris e arredores o índice de suicídios era de aproximadamente 40 por 100 mil habitantes enquanto a taxa nacional francesa de suicídios era de apenas 15 por 100 mil. Ver: DURKHEIM, E. O Suicídio. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 46.

15. Em 1864 a população escrava do Rio de Janeiro era de 100.000 cativos, no ano de 1887 esse numero era de apenas 7.488 escravos, ver: CONRAD, R, Os últimos anos da escravatura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978, p. 346.

16. Para uma análise das especificidades da escravidão urbana no Rio de Janeiro, ver: ALGRANT!, L. M. O Feitor Ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro - 1808-1822. Petrópolis: Vozes, 1988; SILVA, M. R. N. Negro na Rua: a nova face da escravidão. São Paulo: HUCITEC, 1988; SOARES, L. C. "Urban Slavery in Die NineleanA-Century Rio de Janeiro", Tese de Doutorado. University College London, 1988; KARASCH, M. C. "Slave Life in Rio de Janeiro 1808-1850", Tese de Doutorado, University of Wisconsin, 1972.

17. ABREU, M. A. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987, p. 54. O crescimento da população carioca foi causado principalmente pela chegada de imigrantes europeus. Joel Serrão calculou que na década de 1870, cerca de 9.000 Portugueses desembarcavam anualmente no porto do Rio de Janeiro. SERRAO, J. A. A Emi-grac,ao portuguesa. Lisboa: Livres Horizontes, 1982, p. 44.

18. CASCUDO, C. "O Morto Brasileiro". In: Tradição, Ciência do Povo. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 104. Para uma análise

de importância dos rituais fúnebres entre os africanos, ver: FREYRE, G. Em torno de alguns túmulos afro-cristãos, Salvador: U.F.B., 1959.

TABELA I

Índices de Suicídio por 100 mil habitantes no Rio de Janeiro e Europa

	Pop. Livre	Pop. Escrava
Rio de Janeiro (1871 a 1874)	10,1	17,7
Itália (1871 a 1875)	3,5	-
Bélgica (1871 a 1875)	6,9	-
Inglaterra (1871 a 1875)	6,6	-
Noruega (1871 a 1875)	7,3	-
Áustria (1871 a 1875)	9,4	-
França (1871 a 1875)	15,0	-
Dinamarca	25,8	-

FONTE

- CASTRO, F. J. V. O Suicídio na capital federal, estatística de 1870 a 1890, Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1894, p. 13-49.
- DURKHEIM, E. O Suicídio. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 22.

